

A disciplina de sociologia durante o período remoto: os desafios enfrentados por estudantes do ensino médio em uma escola de Juazeiro-BA

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2025.23.2.10101>

Queliane dos Santos Silva¹, Rosicleide Araújo de Melo²

Resumo: O presente artigo busca compreender os aspectos que permearam a disciplina de Sociologia em contexto de ensino remoto, bem como, realizar uma reflexão acerca do lugar que a disciplina tem ocupado (ou não) dentro do currículo do ensino médio ao longo dos anos. Toma-se como base e foco principal dessa investigação os sujeitos do processo educativo, dessa forma, essa pesquisa qualitativa se baseia tanto na experiência como bolsista do programa de iniciação à docência, quanto na recolha de dados através de questionário aplicado aos estudantes via do Google Forms, a fim de estabelecer uma visão mais ampla sobre a conjuntura. Através dessa investigação, foi possível concluir que a conjuntura em questão, não só reacendeu desafios educacionais antigos, como também gerou novos, tornando ainda mais difícil o acesso à educação para estudantes mais vulneráveis. Porém, também cabe citar, que mesmo em uma realidade desafiadora, como foi a do ensino remoto, novas perspectivas surgiram juntamente com ferramentas e plataformas digitais, que se mostraram capazes de dinamizar o processo de ensino. Ademais, esse trabalho se mostra fundamental, uma vez que, nunca houve antes a necessidade de se implementar o ensino não-presencial por questões similares as que foram enfrentadas no ano de 2020, em plena pandemia da Covid-19. Logo, por se tratar de um evento totalmente atípico é papel da ciência investigar as implicações dessa realidade, bem como, jogar luz sobre novos caminhos.

Palavras-chaves: Educação, Sociologia, Ensino remoto, PIBID

The discipline of sociology during the remote period: challenges faced by high school students at a school in Juazeiro, Bahia

Abstract: This article seeks to understand the aspects that permeated the discipline of Sociology in the context of remote teaching, as well as to reflect on the place that the discipline has occupied (or not) within the high school curriculum over the years. The subjects of the educational process are taken as the basis and main focus of this investigation. Thus, this qualitative research is based both on the experience as a scholarship holder in the teaching initiation program and on data collection through a questionnaire applied to students via Google Forms, in order to establish a broader view of the situation. Through this investigation, it was

¹ Graduada de Ciências Sociais – Licenciatura da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9042-3324> Email: queliiane.s.silva@gmail.com

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente Permanente do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional-PROFSOCIO/UNIVASF. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4854-0781>. Email: rosicleide.melo@univasf.edu.br.

Agradecemos a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro como bolsista do PIBID durante a realização da pesquisa.

possible to conclude that the situation in question not only reignited old educational challenges but also generated new ones, making access to education even more difficult for the most vulnerable students. However, it is also worth mentioning that even in a challenging reality, such as remote learning, new perspectives emerged along with digital tools and platforms, which proved capable of streamlining the teaching process. Furthermore, this work is fundamental, since there has never before been a need to implement distance learning for reasons similar to those faced in 2020, in the midst of the Covid-19 pandemic. Therefore, as this is a totally atypical event, it is the role of science to investigate the implications of this reality and shed light on new paths.

Keywords: Education, Sociology, Remote learning, PIBID

Introdução

De acordo com o nomeado Patrono da Educação Brasileira Paulo Freire, a partir do momento em que a realidade passa a ser compreendida torna-se possível enxergar os desafios que dela emergem, assim como, desenvolver possíveis soluções (Freire, 1979). Nesse sentido, esta iniciativa, nada mais é, do que o primeiro passo desse processo, é a tentativa de, através de uma observação cuidadosa, compreender como se deu a disciplina de Sociologia e os desafios educacionais que a permearam durante o contexto pandêmico, proveniente do surto de corona vírus, a fim de contribuir para a construção de conhecimento acerca do tema.

A problemática deste trabalho surge através da experiência no subprojeto de Sociologia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que visa oferecer ao graduando a possibilidade de, ainda na graduação, ter contato com a docência na prática. Tal experiência ocorreu em contexto pandêmico, uma realidade atípica, imbuída de características próprias nunca vistas antes, o que impactou de forma importante vários segmentos da sociedade. Emergindo daí então, a questão de pesquisa norteadora deste artigo: “Como se deu a disciplina de Sociologia durante o ensino remoto e quais foram os desafios enfrentados por alunos do ensino médio do Instituto Federal da Bahia -IFBA?” Para responder à questão de forma específica, tomou-se como objetivo 1. Descrever como se deu o ensino de sociologia em contexto pandêmico; 2. Identificar quais as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos nesse período e 3. Relacionar os resultados com a bibliografia da área afim de compreender, de modo geral, como se deu a disciplina de sociologia durante o ensino remoto para o grupo de estudantes em questão.

Posto isso, este trabalho será composto por quatro partes, além desta. Na primeira parte, intitulada “Contexto de pesquisa” será realizada uma contextualização sobre o cenário, trazendo recortes temporais e geográficos, bem como, apresentando o

ambiente e os sujeitos de pesquisa. Em seguida, no tópico “A Iniciação à Docência em Sociologia” será realizada a descrição da experiência do PIBID em Sociologia, a visão dos alunos sobre a disciplina e seu histórico de altos e baixos no ensino médio. Logo após, a parte intitulada “O Ensino Remoto na Perspectiva dos Estudantes” terá como principal foco as respostas dos alunos ao questionário realizado em dezembro de 2020 via Google Forms³, bem como, dados acerca das principais dificuldades enfrentadas por eles em contexto de ensino remoto. Por fim, em “Considerações finais” serão relacionadas as dificuldades enfrentadas pelos alunos, bem como, as observações últimas desta pesquisa.

Contexto da pesquisa

A base para este trabalho surge no ano de 2020, através da participação como bolsista no subprojeto de Sociologia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), desenvolvido com alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), que por sua vez, é uma Instituição federal pública, que oferece cursos técnicos a nível médio e superior, presente em várias regiões da Bahia.

E para a compreensão do cenário em que se baseia este artigo, é fundamental conhecer a proposta do programa PIBID, que de acordo com a Normativa Nº 38, de dezembro de 2007, instituída pelo então ministro da Educação Fernando Haddad, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência tem como objetivo incentivar a formação de professores para a educação básica pública e promover a melhoria da qualidade da mesma, bem como, valorizar o magistério, o que faz do programa uma iniciativa importantíssima já que a docência é repleta de dificuldades, dentre elas o fato de que, se comparado a outros profissionais do setor público o professor ainda recebe remuneração consideravelmente inferior. Alia-se a essa questão, também, o baixo reconhecimento social do papel do educador (Louzano, Rocha, Moriconi, 2010). Desse modo, nota-se que ser professor no Brasil é difícil, mas quando se fala em ser professor de sociologia, a realidade é ainda mais complexa. Tal contexto pode ser explicitado na própria normativa supracitada, que em ordem de prioridade, são citadas as licenciaturas que devem ser atendidas pelo programa e a Sociologia nem ao menos chega a ser citada, podendo ser enquadrada apenas no item “demais licenciaturas” no último lugar

³ Plataforma de questionário do Google que serviu como instrumentos de coleta da pesquisa.

da lista de prioridades e no que se refere a Sociologia dentro da proposta do Ensino Médio Brasileiro a realidade não é muito diferente, como será evidenciado no decorrer deste artigo.

Agora, atendo-se aos recortes geográficos, temporais e socioeconômicos da pesquisa, cabe citar que o campus do IFBA surge em 2010 na cidade de Juazeiro, ocasionando novas oportunidades de estudo para a população, bem como, o crescimento na variedade de profissionais na região. Porém, a disseminação da Covid-19, cujo surto foi declarado Emergência de Saúde Pública, trouxe consigo a impossibilidade de encontros presenciais o que culminou, após algum tempo, na adoção do ensino remoto pelo Instituto, como estabelecido pelo Conselho Nacional de Educação (PARECER CNE/CP Nº: 5/2020), que em 03 de abril de 2020, em publicação de uma portaria realizada pelo MEC, foi estabelecido, em caráter de excepcionalidade, que as instituições federais de educação profissional técnica poderiam, por 60 dias, inicialmente, mas podendo sofrer prorrogação, suspender as aulas ou substituí-las por atividades não presenciais. Porém, essa modalidade não se mostrou tangível para todos os alunos, pois das três turmas acompanhadas, 62 alunos se matricularam para cursar o 3º ano letivo em 2020, antes do distanciamento social. Desses 62 alunos, 58 se inscreveram nas Atividades Escolares Não-Presenciais Emergenciais (AENPEs) ofertadas pelo IFBA de forma não obrigatória. Sendo que 13,8% dos alunos inscritos abandonaram as atividades antes do final do ano letivo, resultando em 50 alunos de um total de 62, conforme informações disponibilizadas pela professora supervisora da escola.

Dos 50 alunos que permaneceram nas atividades, 28 responderam ao questionário. Sendo 71,4% dos respondentes do sexo feminino e 28,6% do sexo masculino, com idades entre 16 e 22 anos. Além disso, 17,9% dos respondentes se autodeclararam brancos, 64,3% pardos e 17,9% pretos. Já no que se refere a renda, 60,7% dos respondentes possuíam renda familiar mensal de até 1 salário mínimo, 28,6% entre 1 e 2 salários mínimos e apenas 10,7% possui renda familiar mensal superior a dois salários mínimos, como é possível constatar no infográfico a seguir:

1 Infográfico: Dados Socioeconômicos



Elaborado pela autora.

Posto isso, o grupo de alunos acompanhados compunham três turmas do terceiro ano, que por sua vez, foram mescladas em uma única turma que passou a assistir as aulas de Sociologia de forma online e simultânea após o início das Atividades Escolares Não-Presenciais Emergenciais (AENPEs), implementadas pelo IFBA. Dessa forma, partindo-se de uma perspectiva *ciberotimista*⁴, as estruturas comunicacionais virtuais se mostram positivas no sentido de não demandarem recursos, como por exemplo, deslocamento e espaço físico, que as estruturas de comunicação presencial, por sua vez, demandariam (Hansen, Ferreira, 2018). Muito embora, a realidade que se mostrou durante a experiência de iniciação à docência em contexto pandêmico, que será explicitada de forma detalhada no decorrer deste artigo, é que para se estar presente no ambiente virtual de ensino também são necessários recursos e quando esses não existem, o estudante fica a margem do processo educativo, o que ficou perceptível conforme apresentado a seguir.

A iniciação à docência em sociologia

As atividades realizadas no PIBID eram, por vezes, permeadas por um misto de sentimentos, dentre eles, ansiedade, empolgação e receios. A imensa vontade de conhecer os alunos e contribuir ao máximo para o desenvolvimento das jovens mentes foi o que definiu esse momento. Porém, muitas vezes a realidade em sala de aula traz consigo desafios imprevistos, como é o caso do ensino remoto, experienciado na

⁴ Ciberotimistas: Grupo de teóricos entusiastas da internet, que nela a possibilidade de se ampliar a principalmente política.

iniciação à docência no IFBA. As aulas online eram realizadas via Meet⁵ e em seu decorrer havia, com frequência, oscilação considerável no número de presentes, pois sempre havia aluno entrando ou saindo da chamada, pelos mais variados motivos, como demonstra as respostas dos próprios estudantes ao questionário aplicado. Ademais, o elevado número de alunos em uma única sala (resultante da junção de três turmas do 3º ano) tornou quase impossível realizar um acompanhamento de forma mais direcionada, considerando as dificuldades específicas de cada aluno no processo de aprendizagem, ainda mais por meios virtuais.

Além disso, nenhum dos alunos em sala de aula mantinha a câmera ligada e boa parte deles não tinham nem mesmo foto no perfil, aspectos que facilmente poderiam transformar as aulas em monólogos, a despeito de todo o esforço do educador. E com toda certeza, tal constatação comprometia ainda mais o acompanhamento da turma, pois como ensinar a um aluno sem rosto, sem voz e sem expressão? O assentir de cabeça, a expressão de confusão e o típico “ahhh” sinalizando que agora sim a explicação estava fazendo algum sentido é o que norteia o professor na experiência em sala de aula. Sem isso, o ato de ensinar se torna um ofício solitário e sem direção. Em contraste aos microfones e câmeras desligados, a utilização do chat pelos estudantes se mostrou um ponto de atenção, mesmo sendo utilizado, na maior parte do tempo, para tecer comentários sobre o assunto ou temas relacionados, em determinados momentos da aula, os comentários se tornavam frenéticos e aleatórios podendo ser facilmente comparados às conversas paralelas já conhecidas pelos professores, o que acabava por tirar o foco da explicação em um momento ou outro.

Dessa forma, a necessidade do distanciamento social impactou profundamente a prática docente, o que exigiu da comunidade “repensar suas práticas pedagógicas, que neste momento passou do presencial para a forma remota, algo totalmente novo dentro da realidade da educação básica da rede estadual do Brasil em geral” (Seccatto, 2021). Por vezes, a iniciação a docência em contexto de ensino remoto era rodeada por um sentimento de frustração e impotência, mas com o decorrer das aulas houve uma familiarização, a medida do possível, com os alunos e a compreensão sobre quais formatos e abordagens de aula instigavam mais a participação deles. E foi através das tutorias (em que cada pibidiano ficava responsável por auxiliar um grupo específico de alunos) que começou a se mostrar possível obter resultados promissores e tornar o

⁵ Plataforma de vídeo chamada do Google.

aprendizado efetivo mesmo nesse contexto. Na realização de oficinas, que por sua vez, se mostrou uma forma de ensino mais dinâmica e descontraída que fomentou maior participação dos alunos), dentre as oficinas realizadas podem ser elencadas: Designer Gráfico, Edição de Vídeos e Escrita de Textos Acadêmicos, que evidenciou-se uma infinidade de ferramentas digitais que têm o poder de dinamizar o processo de ensino, fazendo dos métodos ativos de ensino mediados por Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) fundamentais para o processo educativo (Moura, Seccatto, 2022). Ou seja, o ensino remoto trouxe consigo inúmeros desafios, mas também, jogou luz sobre outras formas de aprendizado e a possibilidade de tornar também educação em sala de aula pós-pandemia mais atrativa e dinâmica para os educandos.

Ao se tratar da iniciação a docência em Sociologia é de suma importância abordar a questão da intermitência da disciplina na educação básica brasileira ao longo dos anos, que por sua vez, influencia diretamente a realidade dessa área de conhecimento até os dias atuais. Em 1891, através da Reforma Benjamim Constant, ainda durante a república, se inicia a campanha pela obrigatoriedade da Sociologia em nível médio, e desde então, a disciplina possui caráter *perene*. Comumente a ausência da disciplina de sociologia no ensino médio é associada a períodos autoritários no Brasil, muito embora, a realidade que se revela ao se analisar a história da disciplina no currículo educacional brasileiro, é que tal fato está muito mais associado a tentativas ineficazes dos defensores da Sociologia convencerem uma burocracia educacional cientificista quanto à necessidade da disciplina nos currículos. É importante salientar que assim como o país, a disciplina de sociologia sofreu mudanças no decorrer dos anos. Ela nem sempre se tratou de uma área do conhecimento responsável por suscitar reflexões e questionar o *status quo*, muito pelo contrário, até o ano de 1940 a sociologia estava muito mais associada a ideias conservadoras do que emancipatórias. Exemplo disso é que em 1961, um período democrático, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é aprovada e não prevê a obrigatoriedade da disciplina no currículo, realidade que perdura no período que se segue, durante a tomada de poder pelos militares em 1964 (Moraes, 2011).

Uma vez isso posto, tratando-se de um período mais recente, em 2 de junho de 2008, através da Lei nº 11.684, e agora, muito mais como ferramenta de reflexão social e incentivo ao exercício da cidadania, a sociologia torna-se obrigatória para todos os anos do ensino médio (Moraes, 2011). Muita embora, menos de 10 anos depois, em

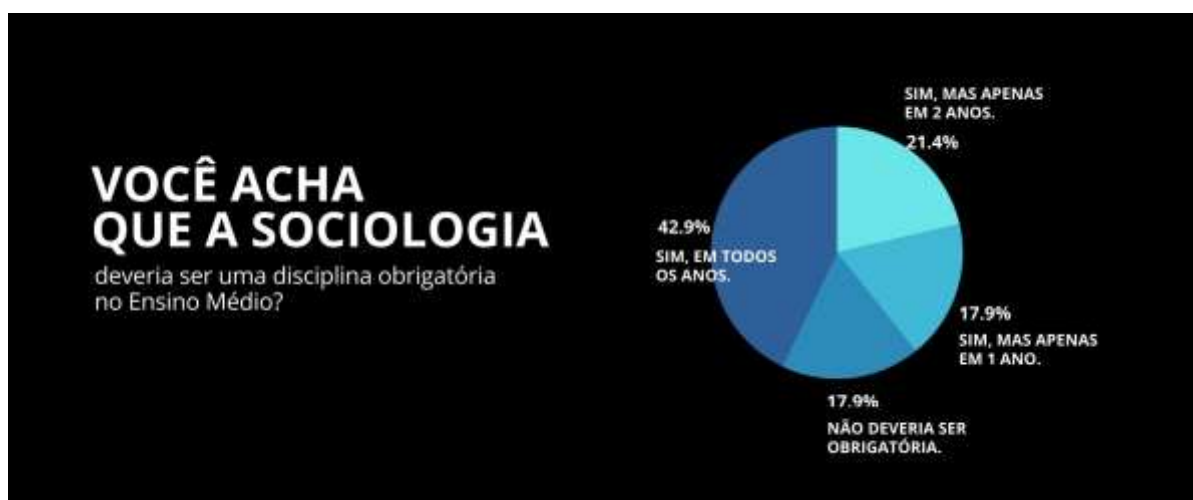
2017, mais uma vez, é retirada a obrigatoriedade da disciplina de Sociologia através da Reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017) (Oliveira, Cigales, 2019). Desse modo, com base no histórico de intermitência da Sociologia no currículo brasileiro exposto nos parágrafos supracitados, é possível concluir que a formação docente nessa área é repleta de incertezas, angústias e, sobretudo medo, de que o futuro siga um caminho tão irregular quanto o trilhado no passado.

Agora, saindo um pouco das reflexões acerca do passado e dos receios sobre o futuro, qual seria então a situação da disciplina no presente? Para responder a essa questão toma-se como ponto de partida uma pesquisa amostral, realizada por Bodart e Tavares, com 640 estudantes do 3º ano do Ensino médio da cidade de Maceió no estado de Alagoas. Nela, os

alunos foram questionados sobre o status de importância da disciplina de Sociologia na grade curricular do ensino médio. Com base nas respostas, a disciplina ficou na 8ª colocação do ranking, abaixo de disciplinas consideradas mais importantes (leia-se consolidadas no currículo) como Língua portuguesa e matemática, por exemplo, e acima de disciplinas como inglês, filosofia, educação física e artes, que são tão quão ou até mais intermitentes no currículo do ensino médio do que a própria Sociologia. De acordo com os autores desse trabalho: “há uma visão amplamente difundida na sociedade – e que parece ser incorporada pelos jovens – de que o currículo deve ser constituído de “disciplinas úteis” à prosperidade material de cada indivíduo.” (Bodart, Tavares, 2020).

Tal realidade se repete, guardadas as devidas proporções, na pesquisa que serviu de base para a construção deste artigo, como mostra o infográfico a seguir:

2 Infográfico sobre a obrigatoriedade da disciplina de sociologia no ensino médio.



Elaborado pela autora.

Ao serem questionados sobre se a de Sociologia deveria ser obrigatória no Ensino Médio, menos da metade dos estudantes responderam que deveria ser obrigatória durante todos os anos. E com base nesse contexto, surge um enorme desafio para os professores de sociologia: Como lecionar uma disciplina de forma a impactar a realidade do estudante se este não a vê como importante? Para construir uma resposta para essa questão, primeiro é necessário que o professor conheça os jovens que chegam à escola, abandonando totalmente a ideia do aluno como uma folha em branco, pois como advertido por Paulo Freire, esta concepção está muito a quem da realidade (Freire, 1996). Os jovens “se apropriam do social e reelaboram práticas, valores, normas e visões de mundo a partir de uma representação dos seus interesses e de suas necessidades; interpretam e dão sentido ao seu mundo.” (Dayrrel, Carrano, 2014). Sendo os jovens indivíduos diversos, donos dos mais variados valores, necessidades e recortes, o termo juventude como representação de uma categoria homogênea de indivíduos não passa de uma generalização grosseira que apaga os mais variados contextos. Sendo assim, não existe a juventude, mas sim juventudes plurais e diversas (Dayrrel, Carrano, 2014).

O Ensino remoto na perspectiva dos estudantes

Tomando as juventudes como protagonistas de seus próprios contextos, nada mais justo, do que os próprios estudantes falarem qual foi a principal dificuldade por eles enfrentada durante o ensino remoto. E ao serem questionados, a conexão com a internet se apresentou, para alguns deles, como a principal dificuldade enfrentada dentro das Atividades Educacionais Não-Presenciais Emergenciais (AENPEs) oferecidas pelo IFBA, o que evidencia a necessidade de se analisar os aspectos que circundam esta questão. De acordo com o IBGE, com dados coletados através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios contínua (PNAD Contínua)⁶, realizada em 2018, cerca de 79,1% dos domicílios brasileiros possuía internet, percentual que cresceu se comparado ao ano anterior, que era de 74,9% em 2017. Através de um olhar macro, o número percentual médio de domicílios com internet no país pode até parecer alto. Porém, ao se analisar região por região é possível notar uma disparidade importante em relação a esses dados. A região Nordeste, que é onde se encontra o

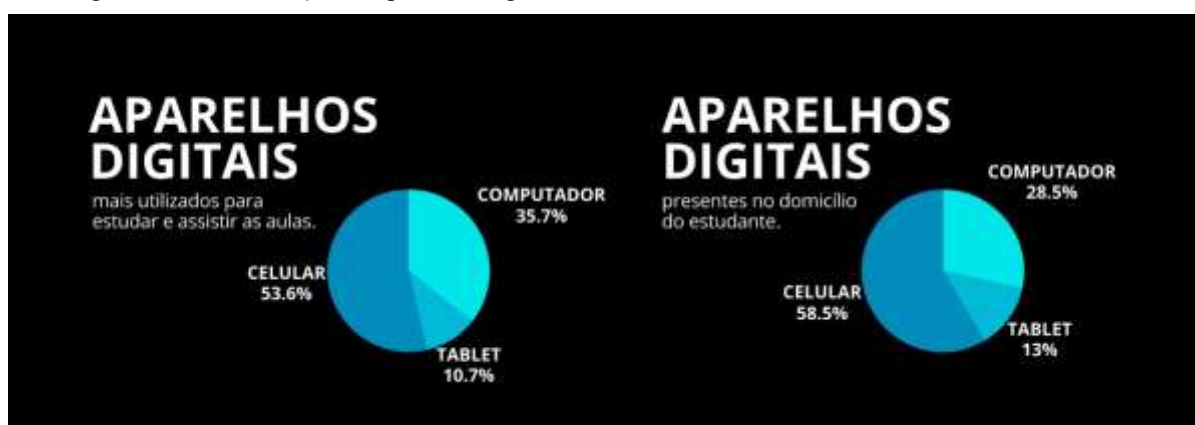
⁶Dados completos em:<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf>

IFBA, possuía, no ano da pesquisa, o percentual de 69,1% dos seus domicílios com internet, 10% a menos que o percentual geral do país. E quando se analisa a região rural do Nordeste a diferença fica ainda mais evidente, pois apenas 44,2% dos domicílios que se encontram na zona rural nordestina possuía internet em 2018.

Além do mais, não é difícil notar, no mundo contemporâneo, o rápido avanço das tecnologias, como é o caso da internet. No entanto, é imprescindível jamais perder de vista o fato de que o acesso a essas tecnologias não acontece de modo uniforme, ainda mais, quando se fala de países extremamente desiguais, como é o caso do Brasil. Um exemplo dessa realidade, é o fato de que a inclusão digital ainda se apresenta enquanto um enorme desafio para o país (Sales, 2014). Desse modo, fica nítido o problema de um direito fundamental, como o da educação, estar subordinado a um recurso que não é acessível a todos. Já em relação aos alunos que puderam aderir e permanecer até o final do ano letivo, é necessário averiguar as condições dessa permanência. Questões como a qualidade da internet (como exposto no tópico anterior), o aparelho utilizado para acessar as aulas e o ambiente de estudo fazem toda a diferença. Sobre os aparelhos, mais da metade dos alunos utilizavam principalmente o celular para estudar e assistir as aulas. Isso provavelmente, porque menos da metade deles possuíam computador ou notebook em casa, como fica evidente no infográfico a seguir, o que se torna um grande desafio

na hora de visualizar determinados materiais, digitar um simples texto ou acessar alguma plataforma que não seja compatível com o smartphone.

3 Infográfico sobre utilização de aparelhos digitais.



Elaborado pela autora.

É importante salientar, que os resultados acima descritos, são a despeito dos esforços realizados pelo IFBA por meio de auxílios estudantis. Isso, na tentativa de possibilitar a participação dos alunos com menos recursos nas Atividades

Educacionais Não-Presenciais Emergenciais (AENPEs), pois 85,7% dos respondentes tinham acesso a algum auxílio estudantil.

Além disso, 100% dos alunos moravam com os pais e/ou irmãos, 67,9% possuíam núcleo familiar igual ou superior a quatro integrantes. Sendo que, um núcleo familiar grande é um forte indicativo de que o aluno teria que partilhar espaços domiciliares com outros integrantes da família, que por sua vez, poderiam possuir necessidades e rotinas diferentes. O que poderia comprometer possíveis momentos de estudo desse aluno. Quando questionados sobre a principal dificuldade do ensino remoto, essa hipótese se confirma, sobre isso, eles disseram:

-
- *“As distrações”*
 - *“EAD, sem ambiente doméstico ideal”*
 - *“Barulho em casa”*
 - *“Moro em uma chácara as vezes preciso ajudar com alguma coisa, déficit de atenção, barulho[...]”*
-

Posto isso, é possível inferir que o ambiente doméstico e as condições materiais desses alunos não favorecem o aprendizado, levando em consideração que “Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço” (Freire, 2004), muito pelo contrário, atrapalham de forma considerável. Pois diferentemente da instituição escolar que, mesmo com todos os desafios estruturais e orçamentários, possibilita a todos os alunos um ambiente igualitário propício ao aprendizado, o ensino remoto não possui garantias nesse sentido. Ademais, é importante frisar que a função da escola vai muito além de possibilitar o acesso ao conhecimento, ela também perpassa o processo de humanização, o desenvolvimento do aluno de forma ampla, uma vez que promove “o acesso ao conhecimento, às relações sociais, às experiências culturais diversas podem contribuir assim como suporte no desenvolvimento singular do aluno como sujeito sociocultural, e no aprimoramento de sua vida social” (Dayrell, 1996). A ligação entre professor e aluno, entre colegas e entre os demais entes da instituição de ensino gera o sentimento de pertencimento e acolhimento, o que é fundamental para o bem-estar do aluno nesse ambiente. Ademais, o desenvolvimento de potencialidades, não se limita as paredes da sala de aula ou aos conteúdos aprendidos nela, muito pelo contrário. Está, na verdade, em experienciar a instituição escolar como um todo. E aqui se estabelece o

cerne da problemática abordada neste Tópico: Como os alunos se sentiam em relação aos estudos, em meio a realidade pandêmica?

2 Infográfico sobre a motivação dos alunos para estudar.



Elaborado pela autora.

O infográfico acima disposto mostra o quão motivado os alunos respondentes se sentiam, e apenas 32,1% deles disseram sentir-se motivados, enquanto o restante dos alunos se dividia em pouco ou nenhum pouco motivados. É claro que, esse dado em si, não quer dizer, necessariamente, que há uma relação causal entre a motivação dos alunos e o período enfrentado. No entanto, esse dado aliado aos relatos dos alunos, fortalece essa hipótese. Poia sobre suas principais dificuldades no ensino remoto, eles respondem:

- “[...]contato cara a cara com o professor que seria bem melhor para o aprendizado.”
- “Não consigo entender muito bem com essa forma de estudo.”
- “O fato de que não estamos tendo aulas presenciais.”
- “[...]a falta de contato físico com os colegas e professores.”
- “Falta de atenção nas aulas, é bem pior do que presencial.”

Com base nisso, e partindo de uma perspectiva freiriana, o processo educativo se dá a partir das relações humanas, da troca mútua entre indivíduos. Desse modo, o aprendizado é fruto do diálogo e da interação com o outro, e não do próprio conhecimento (Arroyo, 2001). Nessa perspectiva, mesmo com a disponibilidade dos conteúdos, através das aulas online, a relação e interação entre os componentes do processo educativo é fortemente comprometida, e com ela, o aprendizado do aluno.

Ademais, a educação a distância (EaD) não é um modelo educacional recente

no Brasil, muito pelo contrário, desde os primórdios do século XX ela se faz presente no país, veiculada pelas mais diversas tecnologias desenvolvidas no decorrer dos anos. O correio, rádio, televisão e atualmente a internet fizeram parte da história desta modalidade de educação, com as peculiaridades inerente a cada um desses períodos. Nos últimos anos, a EaD tem desempenhado um papel considerável na expansão do ensino superior privado, tornando-o mais acessível, ao passo que reduz os custos e amplia os lucros. Muitos indivíduos optam por esse modelo, seja para poupar tempo, não ter que se locomover ou por ter mensalidades mais baixas que instituições privadas de modelo presencial (Gomes, 2013). A questão é, que nunca na história do país, foi necessário adotar, as pressas, um modelo emergencial de educação a distância voltado para alunos da educação básica pública. E esse fato gerou inúmeras críticas, principalmente por parte dos alunos, sobre isso, um deles diz:

- “Eu acredito que estamos indo muito rápido em relação aos estudos, acredito que com esse modelo de ensino estamos dando apenas um olhar superficial sobre a disciplina, seria bom que fosse nos dado mais tempo para aprender.”

Além disso, é importante salientar que existe uma diferença fundamental entre a modalidade EaD, acima citada, e o ensino remoto ocasionado pela pandemia. No caso da educação a distância, o material é pensado e desenvolvido para o modelo a distância. O currículo, a linguagem, o método. Todos esses aspectos são desenvolvidos e estruturados especificamente para essa modalidade de ensino. O mesmo não acontece em relação as Atividades Educacionais Não-Presenciais Emergenciais implementadas pelo IFBA em decorrência da pandemia. O que acontece, na verdade, é que um ensino que foi pensado e desenvolvido para ser presencial teve que ser adaptado a essa nova realidade. E mesmo que esse processo seja feito da melhor forma possível, há perdas, que por sua vez, geraram dificuldades educacionais graves tanto para os alunos quanto para os professores.

Considerações finais

Em linhas gerais, este artigo abordou como se deu a disciplina de Sociologia em contexto de ensino remoto, bem como, as dificuldades que emergiram desse

cenário. Além disso, foram realizadas também reflexões acerca da profissão docente, da sociologia enquanto disciplina na grade curricular do Ensino médio e do papel da escola na vida dos estudantes, que por sua vez, compõem as mais diversas juventudes. Posto isso, das dificuldades enfrentadas pelos alunos, quatro se destacam: 1. A dificuldade no acesso à internet de qualidade; 2. A falta de um ambiente de estudo adequado; 3. A impossibilidade de vivenciar o ambiente escolar como um todo; E, por fim, 4. A inadaptação à nova modalidade de ensino. Nessa perspectiva, as dificuldades podem ser enquadradas em dois blocos de análise. O primeiro bloco, composto pelas duas primeiras dificuldades citadas, engloba problemas pré-existent, aqueles que advêm dos elevados índices de pobreza e desigualdade presentes no país, que apenas foram intensificados pela pandemia. Já o segundo bloco, composto pelas duas dificuldades subsequentes, engloba problemas que passaram a existir por conta da pandemia, necessariamente.

Com base no que foi abordado neste artigo é possível afirmar que o ensino remoto gerou várias perdas importantes para o cenário educacional, muito embora, no exercício de afastar-se de dualismos exacerbados e enxergar os aspectos positivos mesmo em cenários desfavoráveis, cabe citar, que através desse contexto foi possível encontrar várias ferramentas digitais capazes de dinamizar o ensino, ferramentas estas que não são exclusivas do ensino remoto, mas que podem contribuir fortemente para o aprendizado dos alunos em um contexto de ensino presencial. Ademais, esta análise se baseou na experiência enquanto bolsista de iniciação à docência em Sociologia e nos dados obtidos a partir da pesquisa realizada com os estudantes, que por sua vez, trata-se de uma amostra pequena, um recorte de uma realidade muito mais ampla, porém, ainda sim, relevante. Desse modo, não é possível estabelecer conclusões, apenas levantar reflexões, pois o intuito é que, de algum modo, as questões aqui levantadas com base em dados locais, possam contribuir para pesquisas futuras a nível regional ou nacional que abarquem uma análise mais abrangente acerca do tema.

Referências

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1979. BRASIL, Ministério da Educação, **Parecer CNE/CP nº 5/202**.

BRASIL, Ministério da Educação, Gabinete do Ministro, **Portaria normativa nº 38**, 2007.

LOUZANO, P.; Rocha, V.; Moriconi, G. M.; & Oliveira, R. P. de. (2010). **Quem quer ser professor? Atratividade, seleção e formação do docente no Brasil.** *Estudos Em Avaliação Educacional*, 21(47), 543–568.

HANSEN, J.R.; FERREIRA, M.A.S. **Da polarização a busca pelo equilíbrio: as relações entre internet e participação política.** *Revista Eletrônica de Ciência Política*, vol. 9, n. 1, 2018.

SECCATTO, A.G.; SECCATTO, C. P. **Pesquisa e autoria: experiências no ensino remoto. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades** - Rev. Pemo, [S. l.], v. 3, n. 3, p. e335580, 2021.

MOURA, C.; SECCATTO, A. **O ensino de Sociologia na pandemia: reflexões sobre o ensino remoto emergencial e outros desafios.** *Perspectivas em Diálogos*, Niviraí, v.9, n.21, p. 290-308, set./dez. 2022.

MORAES, A.C. **Ensino de sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade.** *Cadernos Cedes*, v. 31, n. 85, p. 359-382., 2011.

OLIVEIRA, A.; CIGALES, M.P. **O ensino de sociologia no brasil: um balanço dos avanços galgados entre 2008 e 2017: the teaching of sociology in brazil: a balance of progress made between 2008 and 2017 .** *revista temas em educação*, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 42–58, 2019.

SALES, S.R. **Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do ensino médio.** Editora UFMG. 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

DAYRELL, J. **A escola como espaço sócio-cultural.** In: *Múltiplos olhares sobre a educação e cultura.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

ARROYO, M. **Currículo e a pedagogia de Paulo Freire.** In. RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação. *Caderno pedagógico 2: Semana Pedagógica Paulo Freire.* Porto Alegre: Corag, 2001.

BODART, C. das N.; TAVARES, C. dos S. **O status da sociologia escolar: o que pensam os alunos?.** *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 25, n. 3, p. 764–782, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

DAYRREL, J.; CARRANO, P.; e MAIA, C.L. (org), **Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In:.) Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

Federação - 2018. Fonte: **Pnad Contínua 2018** - módulo anual da educação.

Elaboração: Instituto Mauro Borges/Secretaria de Estado da Economia - 2019.

GOMES, L.F. (1). **EAD NO BRASIL: PERSPECTIVAS E DESAFIOS.** *Avaliação: Revista Da Avaliação Da Educação Superior*, 18(1).

Submissão: 19/12/2024. **Aprovação:** 20/08/2025. **Publicação:** 29/08/2025.